

DOMINGO XXVII DO TEMPO COMUM

A liturgia deste domingo fala-nos da “vinha” de Deus. É um conceito que não é novo nas parábolas de Jesus, Ele que recorria sempre a parábolas ligadas à agricultura ou ao pastoreio de modo a mais facilmente passar a sua mensagem a quem o seguia, e que na sua maioria eram pessoas ligadas ao campo ou à pesca.

A primeira leitura e o evangelho são coincidentes. Falam-nos de uma vinha que foi atribuída a um povo mas que não recebeu cuidados, não foi acarinhada, não deu os frutos que o dono esperava... Por isso o dono a mandou cortar e secar ou, no caso do evangelho, entregou-a a outros vinhateiros porque os primeiros que a receberam não só a negligenciaram como também ainda maltrataram os representantes do senhorio, dono da vinha.

É claramente uma mensagem para os hebreus daquele tempo, que não só rejeitaram os profetas e João Batista como ainda depois viriam a crucificar Jesus, o filho do dono da vinha. E nesta mensagem do evangelho, ao dizer que o dono iria entregar a vinha a novos vinhateiros, Jesus está obviamente a dizer que a Sua palavra terá que ser encaminhada para outros povos, porque os judeus não a aceitaram.

Deus disponibiliza-nos a Sua vinha e espera de nós que dela cuidemos para que dê bons frutos. Esses frutos são a misericórdia, a fraternidade, a alegria, a solidariedade, a justiça....etc.

Por vezes, nas nossas comunidades, damos uma imagem de sermos bons cuidadores da vinha, porque preparamos bem as liturgias, somos bons organizadores dos eventos pastorais, etcmas, no final da missa, saímos da igreja e continuamos a comportarmo-nos como se não tivéssemos participado na eucaristia.

E quem vem aos nossos cartórios, secretarias, reuniões...é recebido com os frutos que Deus espera de nós?

A parábola da vinha é uma história de amor. O encontro com o amor de Deus tem de transformar o nosso coração e levar-nos ao amor ao irmão. Disso nos fala S. Paulo, na segunda leitura. Só devemos pensar no que é verdadeiro e nobre, justo e puro, virtude e digno de louvor...

O tal amor ao próximo, que é um dos frutos que Deus de nós espera, será que se quedou apenas pela frase num cartaz que está pendurado numa parede da igreja? Para os outros verem? Ou é para nós também?

Diácono José Alves

AVISOS

Catequese para adultos

Estão abertas as inscrições para a catequese dos Adultos, para pessoas não batizados ou que desejem receber o sacramento do Crisma. As inscrições devem ser feitas na Igreja do Algueirão. Contato: 219 226 390

Homenagem ao Padre João Braz

Vai realizar-se uma homenagem ao Padre João Braz no dia 20 de outubro, às 15h30, na sua terra natal, Almofala (concelho de Castro Daire). As pessoas interessadas em participar deverão contactar o Cartório Paroquial para efeitos de organização.

Festa de Nossa Senhora das Mercês

Nos dias 16, 17, 18, 23, 24 e 25 de Outubro decorre a tradicional feira das Mercês. No domingo, dia 25, teremos a Missa às 15h00, celebrada no espaço da feira, seguida de procissão pelas ruas da Tapada das Mercês. Convidamos todos a participar.

Recolha de alimentos — precisamos de voluntários

Nos próximos dias 24 e 25 de outubro, o nosso Centro Social da Paróquia irá realizar-se uma recolha de alimentos nos supermercados, destinada a apoiar quem mais precisa na nossa comunidade.

Para esta iniciativa, precisamos de voluntários que possam colaborar em turnos de 2 horas, entre as 10h e as 19h. Se puder disponibilizar algum do seu tempo, junte-se a nós nesta missão de partilha, solidariedade e serviço ao próximo, inscrevendo-se no cartório paroquial ou na secretária do centro social.

**VIAGEM APOSTÓLICA DE SUA SANTIDADE O
PAPA LEÃO XIV
ENCONTRO «NAS RAÍZES DA EUROPA PELA
PAZ E PELA UNIDADE»**

DISCURSO DO SANTO PADRE

*Centro de Congressos «Robert Schuman», em Metz
Segunda-feira, 28 de setembro de 2026*

Senhor Presidente,

Senhor Cardeal,

Distintas autoridades civis e religiosas,

Senhoras e Senhores,

Estou muito contente por me encontrar aqui, nesta cidade histórica, ponto de encontro no coração do continente, para um encontro com um título evocativo: Nas raízes da Europa pela paz e unidade. Agradeço pelas amáveis palavras que acabastes de me dirigir.

O título proposto inspira-se, sem dúvida alguma, na figura do Venerável Robert Schuman, a quem desejamos hoje prestar uma homenagem especial, neste centro que tem o seu nome; e, sobretudo, aqui no Mosela, onde ele viveu durante muito tempo e agora repousa, tendo sido, durante muitos anos, o seu representante na Assembleia Nacional. Foi desta região, com as suas vicissitudes nos séculos XIX e XX, que ele retirou a inspiração para ajudar a moldar a Europa de hoje e de amanhã através da sua célebre Declaração de 9 de maio de 1950. Este texto constitui, simultaneamente, o ponto de partida e de chegada do seu empenho na reconciliação e unidade do continente europeu que marcou toda a sua vida.

Hoje, com o pensamento, queremos realizar uma viagem que começa nas raízes da Europa para chegar ao seu presente e olhar para o futuro. Perguntamo-nos de que forma Robert Schuman foi moldado pela história desta terra, da qual era filho, e como contribuiu fundamentalmente para moldar a Europa moderna, a ponto de ser considerado como um “Pai fundador”.

É sempre muito difícil, tanto no presente como no passado, formular uma definição da Europa. A Europa foi tomando consciência de si própria gradualmente, ao longo dos períodos históricos da civilização helenística, do Império Romano e da difusão do cristianismo, integrando, com o passar do tempo, novas culturas – tais como as germânicas e eslavas, entre outras – até abranger regiões cada vez mais vastas.

Portanto, antes mesmo de ser uma realidade geográfica, a Europa entende-se como uma realidade cultural e histórica. Ao longo dos séculos, ela foi adquirindo novos contornos e definições, passando por períodos de crescimento, crises profundas e novos renascimentos. Uma constante que se pode notar no seu longo e conturbado percurso histórico é que a Europa floresceu e progrediu quando soube tirar partido dos aspectos positivos do seu passado e reapresentá-los sob formas novas e criativas, graças ao encontro com o outro. A civilização europeia é, com efeito, também fruto de encontros realizados ao longo dos séculos, mesmo que estes nem sempre tenham sido fáceis. Basta pensar na presença da cultura árabe na Península Ibérica ou na projeção do “Velho Continente” no “Novo Mundo”, que gerou, por vezes de forma dolorosa, novas sínteses no continente americano.

Contudo, para compreender esta longa história, não se pode deixar de mencionar outro Pai da Europa: São Bento, que São Paulo VI proclamou seu Padroeiro em 1964, definindo-o como «mensageiro da paz, construtor da união, mestre da civilização». [1] A ajuda aos pobres, aos doentes e aos idosos; a educação das crianças e as universidades; os hospitais e a medicina; a arquitetura e a engenharia; o desenvolvimento das ciências; o direito e a organização das cidades e dos próprios Estados: tantas áreas, na Europa, foram profundamente influenciadas por São Bento e pelos seus monges! Sem estes fundamentos monásticos, a civilização europeia tal como a conhecemos não existiria. Aqui em Metz, graças à obra de São Crodegango e de outros, respira-se um espírito beneditino de fraternidade, comunhão e partilha. Foi a partir daqui que o canto gregoriano se espalhou pelos territórios carolíngios, levando harmonia e beleza a todo o continente.

Desse modo, não é possível falar da Europa sem fazer referência ao cristianismo. O próprio Robert Schuman estava ciente disso quando afirmou: «O cristianismo ensinou a igualdade de natureza entre todos os homens, filhos do mesmo Deus, redimidos pelo mesmo Cristo, sem distinção de raça, cor, classe ou profissão. Fez reconhecer a dignidade do trabalho e a obrigação que todos têm de lhe estar sujeitos. Reconheceu o primado dos valores interiores que, por si sós, enobrecem o homem. A lei universal do amor e da caridade fez de cada homem o nosso próximo, e é nela que, desde então, assentam as relações sociais no mundo cristão».

Outro Pai fundador da Europa contemporânea, Alcide De Gasperi, faz-lhe eco, colocando a ênfase na «herança europeia comum», ou seja, «aquela moral unitária que exalta a figura e a responsabilidade da pessoa humana com o seu fermento de fraternidade evangélica, seu respeito pelo direito herdado dos antigos, seu culto da beleza refinado ao longo dos séculos e sua vontade de verdade e justiça aguçada por uma experiência milenar».

Longe de ser um critério exclusivamente confessional, a referência à dívida da cultura europeia para com o cristianismo permite compreender melhor até que ponto a abertura ao transcendente é sempre uma dimensão constitutiva da pessoa humana e uma fonte viva de civilização.

A este respeito, reveste-se de grande importância o artigo 17 do Tratado sobre o Funcionamento da União Europeia. Ele incentiva «um diálogo aberto, transparente e regular» com as Igrejas, sempre respeitando e sem prejudicar o «estatuto de que gozam» nos Estados-Membros. A laicidade que rege a vida dos Estados não implica apenas o caráter não confessional das instituições civis, mas pressupõe uma verdadeira colaboração entre as partes, bem como o respeito pela autonomia das Igrejas, a promoção da sua liberdade de organização, expressão e culto por parte das autoridades estatais e comunitárias.

Trata-se de recorrer à fonte dos valores que constituem o fundamento da convivência civil, ou seja, «os valores universais que são os direitos invioláveis e inalienáveis da pessoa humana, bem como a liberdade, a democracia, a igualdade e o Estado de direito» (Preâmbulo do Tratado da União Europeia).

(continua na próxima edição)

“VINDE E VEDE” - RECOMEÇAR